

O pensamento católico e o Movimento de Natal – uma desconstrução

Historiográfica

Adalberto Marinho da Silva Júnior¹

João Maria Fernandes de Lima²

Resumo

Para se compreender o que veria a ser denominado como ‘Movimento de Natal’ é necessário levar em conta toda a série de iniciativas e práticas que desde a década de 40 da Diocese de Natal que entendemos fazer parte do conjunto das estratégias políticas e sociais desenvolvidas pela Igreja Católica por intermédio da Ação Católica desde a década 1930. Nesse sentido, a data atribuída ao surgimento do Movimento pela própria Igreja foi datada de 1948, é de caráter simbólico tendo em vista que as ações desenvolvidas pela Igreja são anteriores a data estabelecida como marco de criação do dito Movimento. Entendemos ainda que algumas dessas práticas da Igreja Norte-rio-grandense vieram a ter dimensão nacional especialmente a partir do primeiro Encontro Regional da CNBB 1959, fator que impulsionaria a produção de uma história do Movimento de Natal, escrita por volta de 1966 por Alceu Ferrari e depois propagada a partir da obra de Cândido Procópio Camargo de 1971, ambos os autores possuem uma obra que aborda o Movimento de Natal, sendo às duas possuidora do mesmo título, sendo lançadas em período próximos, compreendemos nesse sentido que não se trata de uma coincidência dessas duas obras abordarem o mesmo tema e terem o mesmo título: Igreja e desenvolvimento.

¹ Aluno da Graduação pela UFRN – Iniciação Científica – Bolsista – CNPQ

² Aluno da Graduação pela UFRN – Iniciação Científica – Voluntário – PIBIC

Movimento de Natal: a resposta da Igreja ao Desenvolvimento.

Com um título, provocativo e instigante, *Igreja e Desenvolvimento: o movimento de Natal*, Alceu Ferrari convida o leitor, desde o início de sua obra, para a proposta que percorrerá ao longo do livro. Trata-se das mudanças, transformações que a sociedade norte-rio-grandense, em questão, sofria, a partir do momento em que a Igreja Católica começasse a agir de modo mais eficaz, eficiente, ativo, pastoral no meio secular, visando sanar os graves problemas sociais agravados em no Rio Grande do Norte com a saída das tropas estadunidenses, principalmente, no interior do Estado, com a promoção de uma política de desenvolvimento nessa região, política que estava sintonizada com o discurso nacional-desenvolvimentista da década de 1950.

Por meio de uma iniciativa particular, própria da Diocese de Natal, liderada por dois jovens padres, Eugênio Sales e Nivaldo Monte, surgem por meio deles uma novidade a nível eclesiástico local, como resposta e proposta, ao desenvolvimento tão pretendido, almejado e desejado por aqueles que viviam numa situação social desfavorável, tanto no meio urbano, e especialmente, no meio rural, alvo, por excelência de graves problemas. A resposta foi o Movimento de Natal, iniciado, segundo Ferrari, a partir do ano de 1948. Porém segundo o autor, de modo algum, seria um desenvolvimento qualquer. Mas, um desenvolvimento a partir de uma religião – Catolicismo – inserida, colocada, no meio secular: o Movimento de Natal. Alceu Ferrari nos apresenta nesse quadro, o panorama, segundo as palavras do então padre Eugênio Sales, coluna mestra do projeto, o que viria a ser – e foi na perspectiva dele – o Movimento de Natal:

Alguns sacerdotes preocupados com a necessidade de se unirem para melhor exercerem sua ação apostólica começaram a reunir-se privadamente. Eram 6. Estas uniões mensais, que continuam até hoje com todo o clero, constituem um dos vínculos do Movimento de Natal. [...] O segundo momento foi a necessidade de enfrentar os problemas da região. Uma pequena equipe de sacerdotes e leigos preocupava-se com a situação geral. Esse grupo era constituído de elementos militantes da Ação Católica, Assistentes Eclesiásticos e leigos de nível intelectual elevado. A gravidade da problemática no meio rural levou essa equipe a tentar soluções em nome da Igreja com uma visão realista do cristão nesse meio. Realizou uma pesquisa em várias áreas do Rio Grande do Norte, um movimento de massa com presença das autoridades civis e religiosas como tentativa de chamar a atenção para o problema. Organizou-se uma entidade, o Serviço de Assistência Rural – SAR. (FERRARI, 68: 43) (Grifo nosso).

Temos, portanto, a partir das palavras de Dom Eugênio Sales, um quadro resumido, porém, significativo desse movimento, pois mostra os percursos e a intenção pretendida deste sua gênese. Como visto no fragmento acima, o Movimento de Natal, buscou uma ação, uma modalidade, um estímulo de desenvolvimento para a presente situação, especialmente, no interior do Estado. Foi orientado, pensado e estimulado segundo as orientações da Igreja presente no Estado do Rio Grande do Norte. Contudo, não podemos nos deixar encantar, seduzir, contagiar neste momento, aparentemente, marcado por “caridade”, em meio ao quadro de miséria, de dificuldades, de tribulações que existia nestas terras potiguaras. Entretanto, haveria motivações maiores, porventura, que estimularam, incentivaram ao surgimento dessa nova atitude, pastoral, para com os mais necessitados? Vejamos o que Mainwaring tem a nos revelar:

A Igreja só se preocupou com a missão pastoral quando sua influência junto ao Estado se viu ameaçada, sua atuação no sistema educacional se esvaziou, a competição com outras seitas e religiões foi se ampliando e quando alguns valores católicos tradicionais ruíram. (MAINWARING, 2004: 53). (Grifo nosso.)

Deste modo, percebe-se, que o Movimento de Natal, se encontra inserido numa situação de maior escala, maior extensão promovida por uma série de “lepras” que estavam corroendo, contaminando, ameaçando o rebanho da Igreja Católica Apostólica. Por isso mesmo é necessário ligar a iniciativa do surgimento do Movimento do Natal e sua proposta diante de um contexto maior, amplo, pois não foi por acaso sua criação.

Em vista do estado de pobreza e miséria, ampliado com a saída das tropas estadunidense em terras potiguares, promoveu-se assim, ações sociais que objetivavam amenizar, diminuir essa situação de penúria, principalmente, nas regiões interioranas do Estado do Rio Grande do Norte. Os órgãos públicos estavam sendo omissos para com suas obrigações para com os moradores da zona rural. Entretanto, as mazelas, os infortúnios, as crises sociais já existiam no Rio Grande do Norte. Não é nenhuma novidade para a grande população. Torna-se, todavia, uma novidade construída, formada e moldada, neste momento, pela Igreja Católica, expondo-a como algo novo, inédito, repentino e sendo a o clero Norte-Rio-Grandense a única força capaz de ajudar a transformar essa realidade.

Levantamos aqui a hipótese que seria ingenuidade pensar que somente neste momento da história do Rio Grande do Norte com a saída das forças militares estadunidenses tais flagelos emergiram. Como se fosse, unicamente, esse evento o grande marco fundador. Porém muito pelo contrário. Apenas foi ampliada, agregada, somada a um estado lastimável social que já existia desde muito tempo, tanto no inteiro, principalmente, como, também, no meio urbano. Dito isso, os Estados Unidos da América não foi o estopim de todo esse processo de calamidades sociais. Porém, se torna necessário fazer os seguintes questionamentos: de que forma entrava os Estados Unidos da América nesta história? E qual(is) a(s) relação(ões) com o Movimento de Natal?

Percebemos que ano de 1945 é emblemático. Marca a saída, a despedida, à volta para a “pátria amada” das forças armadas estadunidenses da cidade do Natal onde, anteriormente, havia promovido profundas e intensas transformações. Por causa de sua presença, de sua influência, de seus hábitos promoveram uma verdadeira transformação na mentalidade e no modo de vida dos norte-rio-grandenses. Havia ocorrido uma enorme explosão demográfica das pessoas oriundas do interior do Estado para a capital. Vinham em busca de novas oportunidades, em vista do profundo processo de transformações e inserção da moeda estadunidense, que proporcionaram à população da cidade do Natal um desenvolvimento acentuado, uma melhor qualidade de vida, novas oportunidades acentuadas durante o tempo da presença das tropas norte americanas que

a utilizavam como um “trampolim” de desembarque e transporte em pontos estratégicos na África. O presente fragmento é ilustrador:

Terminada a guerra, desapareceu o americano e, com ele, o dólar e o gabo fácil. Muitos empregos nas Bases Aérea e Naval cessaram de existir. Grande número de domésticas ficaram sem emprego. O comércio caiu verticalmente, Bares e cafés desapareceram com a mesma rapidez com que haviam surgido. Roosevelt e Vargas não mais marcaram encontro em Natal. As áreas internacionais retiraram-se para o Recife. Muitos dos que tinham encontrado na mascateagem o seu ganha-pão passaram a engrossar as fileiras dos vagabundos. (FERRARI, 68: 52) (Grifo nosso).

Como visto acima, inúmeros problemas sociais, (re)apareceram neste momento com a retirada dos estadunidense na cidade do Natal o que gerou vários infortúnios à população potiguar. Todavia, não podemos resumir todo o quadro de miséria social, unicamente, como se a saída dos Estados Unidos da América do território do Rio Grande do Norte fosse o único gatilho deflagrador de tudo que estava ocorrendo. Pois, já existia, como exposto neste artigo, essa situação social delicada, que acabou sendo utilizado como argumento do Movimento de Natal de forma a criar um pretexto para uma maior participação e interferência na vida social dos seus fiéis. Trata-se, dessa forma, de uma construção que visava promover uma maior influência da Igreja no seio da sociedade.

De que forma deu-se a atuação direta, prática, objetiva do Movimento de Natal no meio social como resposta as “calamidades sociais” existentes? Quais os instrumentais e/ou as estratégias que foram utilizadas como forma de marcar, de selar, de indicar esse momento ímpar? Analisemos o presente trecho:

*Por falta de visão por falta de recursos, ou, provavelmente, porque a política partidária absorvi tempo e recursos, os **Podêres Públicos permaneciam praticamente ausentes dos problemas do meio rural. De outro lado iam surgindo no interior, por iniciativa de alguns vigários, uma série de ‘obrinhas’ (como as chamaria D. Eugênio), que constituíam iniciativas isoladas, sem recursos e, não raro, sem futuro, mas que traduziam o desejo de fazer ‘alguma coisa’.** (FERRARI, 68:70). (Grifo nosso).*

As “obrinhas”, segundo as palavras de D. Eugênio Sales, foram o primeiro passo, mesmo que de modo muito precário, como resposta a ausência, a indiferença, ao

esquecimento dos órgãos públicos para com a população do interior. Entretanto, não deixa de sinalizar todo um processo, pois a ideia, amadurecida principalmente nos de 1948 e 1949, se concretizou aos 22 de dezembro de 1949, com a fundação do Serviço de Assistência Rural (SAR), sob o patrocínio da Juventude Masculina Católica (JMC) [FERRARI, 68]. Portanto, uma das respostas – se não maior foi – a criação do SAR. Apontando como grande propagador de todas as atividades que viriam se formar.

Como visto até então o Movimento de Natal é resultado, entre outros fatores, de uma resposta do clero da cidade do Natal nas pessoas do padre Eugênio e do padre Nivaldo que diante de um quadro de necessidade sociais que a sociedade norte-riograndense, principalmente na zona rural, que se encontrava numa situação desfavorável agravado sim pela saída norte-americana, mas, não somente por isso, pois como exposto neste artigo já havia inúmeras necessidades que precisavam ser solucionadas o quanto antes. O que a Igreja Católica fez foi lançar uma proposta que acabaria extrapolando o contexto local ao ponto de alcançar a esfera nacional de modo que por meio dessa iniciativa fosse mais uma vez reforçada e/ou resgatada sua influência na vida social, cultural e religiosa do povo potiguar, especialmente, o interiorano.

O processo (des)construtivo do Movimento de Natal

Segundo Cândido Procópio, a análise do papel do Movimento de Natal no Nordeste e no Brasil, evidencia que sua:

Inovação foi à ação prática e a visão globalizante que exerceu na conjuntura política do país, perplexo pelas alternativas de organização política e social, bem como a viabilidade de uma solução coerente com o pensamento social da Igreja, beneficiada por seu prestígio e organizada sob seu controle (...). A tomada de consciência da situação econômica e social

do Nordeste por parte da Diocese de Natal e dos Bispos da Região contribuiu para sensibilizar todo o país e estimulou uma ação governamental mais responsável. (DE CAMARGO, 71:93) (Grifo Nosso).

Já a pesquisa publicada por Ferrari apresenta uma trajetória dos acontecimentos que marcaram a história do Movimento de Natal como algo contínuo e inovador. Sendo esse “Movimento de Natal” contribuiu de forma significativa para o fortalecimento das discussões e reflexões sobre o meio rural, criando a partir de 1949 o Serviço de Assistência Rural – SAR – órgão da juventude masculina católica, destinado a atender o meio rural. E foi nesse ritmo que a partir da década de 50, o SAR inicia a realização de atividades, encontros, cursos, etc., procurando ensinar o homem do campo a empregar novos métodos de trabalho, na medida em que, esse processo demandava toda uma etapa de estruturação, como a própria definição de objetivos, programas, projetos, planejamento de ação de recursos e de pessoal, essa nova iniciativa colocava o homem do campo por intermédio da Igreja Católica nordestino-grandense em sintonia com o discurso nacional do desenvolvimentismo.

A partir da I Semana Diocesana de Ação Católica, em outubro de 1945, a Igreja de Natal, sofreu transformações através da ação pastoral dos padres Eugênio Sales e Nivaldo Monte. O Padre Eugênio Sales constituiu o primeiro grupo da Juventude Masculina Católica, sendo o seu primeiro Assistente Eclesiástico. O Padre Nivaldo, continuou o trabalho com a Juventude Feminina Católica e as Senhoras de Ação Católica, iniciado pelo seu irmão, o Cônego Monte. Com a Juventude Masculina Católica, o padre Eugênio desenvolveu um trabalho com os mais excluídos e segregados da sociedade – os apenados, através da Assistência Social Penitenciária. Concomitantemente, outras ações foram desenvolvidas, como a criação da Escola e Ambulatório Padre João Maria, no Morro Branco, a criação da Escola e Ambulatório Matias Moreira, na então Vila dos Pobres, a instalação do Patronato de Ponta Negra, para menores com problemas de comportamento e ainda o Instituto Bom Pastor para menores de sexo feminino em situação de risco social e do Lar das Mães, destinado ao atendimento de mães solteiras.

A todo esse trabalho urbano juntou-se a constatação do estado de pobreza e a falta de assistência ao homem do campo, fazendo com que fosse criado em 22 de dezembro de 1949, o Serviço de Assistência Rural – SAR instalado em outubro de 1950. Em 1951, realizou-se a I Semana Rural do Estado do Rio Grande do Norte. O objetivo inicial da ação era pastoral, mas o trabalho foi crescendo e tomando outras dimensões. As ações foram desenvolvidas através da Missão Rural, do Cooperativismo, das Semanas Rurais e dos Treinamentos de Lideranças.

A preocupação com o desenvolvimento de meio rural levou à abertura de novas áreas de trabalho, como os projetos de Colonização Agrícola em Punau e em Maxaranguape; do apoio à extensão rural, através da ANCAR – Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (hoje EMATER); da criação e funcionamento das Escolas das Comunidades, integrantes da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Alguns dos trabalhos eram desenvolvidos por outras organizações, mas recebiam o apoio da Igreja.

Considerações Finais

Nossa hipótese pode ser compreendida no que podemos entender como Movimento de Natal em um esforço continuado da Igreja Católica Norte Rio-Grandense para se consolidar enquanto um ator político no Estado Rio Grande do Norte. Entendemos que esse esforço se inicia em 1935 a partir das brechas encontradas pela Igreja no poder oligárquico, se desenvolve na década de 40, por conta da incapacidade do Estado em estender as suas estruturas frente às crescentes demandas da sociedade, e finda com o golpe de 1964 como ambos os autores das duas obras que tratam do Movimento de Natal concordam e colocam esse evento como chave de compreensão, de que o que vem após 1964 pode ser entendido como outra coisa. Acreditamos que este esforço pode ser entendido verdadeiramente como um movimento na medida em que desenvolve um discurso que se baseia no pensamento social católico e se adapta aos diferentes contextos sociais e históricos, por exemplo, na década de 1930 explora o Integralismo, na década de 1960 utiliza os jargões da esquerda. Pensamos também que se justifica algo construído por que procurava atender a denominação do movimento em aludir à cidade de Natal na medida em que nessa cidade são inauguradas novas práticas capazes de constituir um mecanismo de disseminação, reprodução e repetição do seu discurso sobre o território norte-rio-grandense sintonizado com o grande discurso nacional do desenvolvimentismo. Porém o termo, do Movimento de Natal não aparece antes da década de 1960, como Candido Procópio coloca em sua obra, o que confirma nossa hipótese. Finalmente, entendemos que à leitura do Movimento de Natal nos permite justificar a centralidade da Igreja Católica no processo político do Rio Grande do Norte no período referido.

BIBLIOGRAFIA

DE CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. *Igreja e Desenvolvimento*. São Paulo: CEBRAP, 1971.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad.: CHNAIDERMAN, Miriam; RIBEIRO, Renato Janine. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERRARI, Alceu. *Igreja e Desenvolvimento: o Movimento de Natal*. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)*. Trad.: PRIETO, Heloisa Braz de Oliveira. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PEIXOTO, Renato Amado . Católicos a postos! A relação entre a Ação Católica e a Ação Integralista no Rio Grande do Norte até o Levante Comunista de 1935. In: IV Encontro Estadual de História da ANPUH RN, 2010, Natal. Anais do IV Encontro Estadual de História. Natal: ANPUH-RN, 2010. v. I.